

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DO AMAZONAS: a construção de sentido de seu edifício

THE PUBLIC LIBRARY OF THE STATE OF AMAZONAS: constructing the meaning of the building

Célia Regina Simonetti Barbalho¹

RESUMO

Analisa, semioticamente, os edifícios da biblioteca enquanto elemento que se coloca sob o olhar do usuário para ser contemplado e como instrumento de sedução ou rejeição para uso do espaço de leitura. Toma como exemplo para análise, o edifício da Biblioteca Pública do Estado do Amazonas, construído no início do século XX.

PALAVRAS-CHAVES

SEMIÓTICA DA BIBLIOTECA
EDIFÍCIOS DE BIBLIOTECAS
ARQUITETURA DE BIBLIOTECAS.

Para persuadir o olhar do usuário de modo a obter sua adesão e, conseqüentemente, sua disposição em utilizá-la, a biblioteca se enuncia, inclusive, pelo modo como ocupa o espaço manifestando-se através da localização estratégica de seu edifício, da sua arquitetura exterior que busca transmitir ao público a importância das atividades que ocorrem em seu seio, bem como através da concepção, desenho e funcionalidade da arquitetura de seu interior, sua ambientação e sua sinalização.

As leituras espaciais dirigem-se à observação do objeto-textual produzido pelo sujeito-biblioteca que instala no seu discurso espacial os actantes e as coordenadas de espaço e tempo. Contudo, a enunciação não é apenas o lugar do sujeito, mas o lugar de um eu em relação com um outro, ambos localizados num contexto referencial, como afirma TEIXEIRA (1996, p. 92). Logo, o sujeito que enuncia – a biblioteca –, ao mesmo tempo em que se projeta no discurso, instala aquele a quem enuncia – o usuário –, e constitui, como ainda esclarece a autora, duas instâncias de poder entre as quais circulam não só uma fala, mas também um contexto em que se definem papéis e uma estratégia argumentativa que marca a finalidade do discurso, de modo que a enunciação enunciada pela biblioteca constitui-se de um conjunto de marcas identificáveis que objetivam sua apreensão pelo usuário, remetendo-o à instância da enunciação.

¹ Professora Adjunta do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Amazonas. Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC/SP, 2000)

Analisar, portanto, o olhar do enunciador é mais do que encontrar as marcas espalhadas; é mapear as redes de relações formais e os efeitos de sentido decorrentes, é elencar suas estratégias de persuasão, ou seja, é na “*cena enunciativa*”, entender os valores investidos no discurso – preâmbulo de como a biblioteca deseja ser legível, apropriada, descoberta pelo seu usuário. Essa realidade discursiva realizada concretamente pelo sujeito-biblioteca deve ser decomposta para que, ao ser posteriormente reunida, revele os efeitos de sentido manipulados pelo enunciador bem como os que são manipuláveis pelas situações que ele simula dominar.

Em se tratando de conjunto arquitetural, a decomposição poderá se dar através da análise do espaço externo e interno, sendo objetivo desse *paper* introduzir a uma discussão em torno dos efeitos de sentido que os edifícios de bibliotecas produzem e que, de certo modo, influenciam o olhar do usuário, especialmente da enunciação posta no meio urbano, ou seja, a fachada que, antecipando ou não o que está à espera do usuário no interior é, de fato, o elemento que primeiro se põe para ser visto.

Assim, este trabalho tratará a temática sob a luz da semiótica discursiva, elegendo o edifício da *Biblioteca Pública do Estado do Amazonas – BPEAM*, como exemplificação da análise proposta.

Análises espaciais: princípios semióticos

Antes de proceder qualquer análise, faz-se necessário entender que, ao enunciar-se pelo espaço, a biblioteca o faz através de uma das duas acepções que a semiótica possui sobre ele. A primeira, espaço lingüístico, é determinada pelo momento da enunciação através de marcas instaladas no enunciado, ou seja, é o espaço dos actantes. A segunda, o tópico, é ao mesmo tempo “*lugar que se fala e dentro do qual se fala*” (GREIMAS, 1981, p. 117), isto é, o espaço pluridimensional onde os corpos estão dispostos.

Com efeito, o espaço lingüístico se distingue do tópico pela existência, no primeiro, de demonstrativos e advérbios que desvelam a cena enunciativa situando a presença do actante no discurso enquanto que o outro está relacionado com o sentido de uso do espaço produzido e/ou consumido pelo homem, descrevendo-o e interpretando-o.

O espaço tópico, para revelar seu sentido, é constituído de uma prática social revestida de um projeto cujos resultados indicam a existência de um fazer. De fato,

- a) O espaço construído, não necessariamente edificado, é lugar do homem, feito pelo homem, para o homem. Nele estão contidas suas inseguranças/seguranças mais elementares e, portanto, sua disposição torna-se portadora de sentido, de significados;
- b) A distribuição espacial, sua circulação, sua continuidade ou contrastes, sua modernidade ou monumentalidade, são manifestações de uma intenção, de uma provocação, que mostram o modo de ser e de agir de uma sociedade; e

As análises sobre as articulações de sentido do espaço, em ambos os casos, possibilitam a compreensão de como ele está estruturado, como os homens organizam sua sociedade e como a concepção e uso que o homem faz do espaço sofrem mudanças tendo em vista que um destinador-produtor o constrói para que um destinatário-leitor interaja com o seu objeto-mensagem, o que resulta na sua produção enquanto artefato. O espaço pode ser considerado como um texto que produz significações e caracteriza-se

como objeto de comunicação, uma vez que é portador de uma infinidade de significações que proporciona seu uso e inter-relaciona o destinador e o destinatário.

Tendo em vista que o espaço-artefato é fruto de um projeto, uma proposta, uma intenção, GREIMAS (1981, p. 115-141) identifica como princípios imanentes de sua produção os elementos estético, político e racional que, implícitos em toda obra, devem ser ponto de partida para qualquer leitura que venha a ser feita sobre ele. Isto permitirá o exame do sentido da manifestação textual através da análise de seus princípios geradores que comportam o significante espacial e o sentido profundo do texto.

De fato, a manifestação ocorrida no espaço, vista pela sua globalidade, permite leituras que só podem ser concebidas a partir da desarticulação do todo em suas partes construtivas, o que possibilita que os valores em jogo sejam tratados, como propõem Greimas, pelos três sistemas – estético, político e racional –, que possibilitam a análise de conceitos como belo e feio, bom e mau, útil e inútil.

A análise estética, que articula o sentido de “feio” e “bonito”, é uma categoria abstrata que irá se valer da harmonia, da composição, do equilíbrio e do ritmo para mostrar o sentido. A análise política articula a relação do espaço com o projeto de sociedade pretendido e revela a dinâmica social da ocupação do ambiente. A análise racional atenta para compreensão da função.

Dessa forma, a análise da organização lógica do enunciado espacial da biblioteca permitirá leituras integralizadoras conferindo significado àquilo que o usuário vê. Ao contemplar as manifestações do espaço fixo, externo e interno, este texto se deterá, em seguida, na decomposição do objeto de estudo, para entender, a partir do que propõe Greimas, as estratégias de persuasão que a biblioteca se utiliza para se fazer ver.

São estes elementos – arquitetura interna e externa, ambientação e sinalização –, que se colocam no espaço fixo da biblioteca, determinando a circulação em seu espaço móvel, influenciando e manipulando o deslocamento do usuário, sua mobilização corporal e revelando como a dinâmica do espaço afeta a utilização de seu ambiente que se dá através do olhar interpretativo daqueles que a freqüentam, tendo em vista que

a análise que prevalecia então era, precisamente, recusar os dispositivos simbólicos atrelados aos do saber. As entradas majestosas, as nobres escadarias, plataformas ruidosas, a hierarquia espacial – a sala de estudo com exposições, a sala de empréstimo no térreo –, os patamares a transpor, as circulações: todos esses elementos, considerados como obstáculos de acesso, fizeram o objeto de uma coordenação geral e inspiraram, o sentido oposto, outros dispositivos suscetíveis para facilitar o acesso aos lugares. A vitrina para a rua, o “legível” ou melhor visível da organização interna, a separação dos armários, a livre circulação no interior dos locais. Essas disposições foram promovidas pelos bibliotecários, na idéia, sem dúvida ingênua, que a separação espacial devia permitir sobrepor as separações sociais. (BERTRAND, 1997, p. 136)

Com efeito, o espaço-biblioteca deixa pistas que marcam sua intencionalidade de informar, comover e fazer agir o usuário que seleciona, organiza e dota as mensagens de sentido através da movimentação de seu corpo no ambiente, e, seus trajetos são resultados da interação que ele assume ao deslocar-se no espaço demarcado pelas geografias do serviço público de informação.

O espaço exterior

A arquitetura, ao demarcar as fronteiras e limites do homem no espaço construído, opera de forma globalizante na relação espaço-tempo do fruidor e age ativamente sobre a sua mobilidade corporal. De fato, o movimento humano dentro de um determinado espaço é resultado da percepção visual, auditiva, olfativa e tátil que, em conjunto, estabelecem a consciência espacial e definem o deslocamento do corpo a partir, inclusive, da interpretação de características bi e tridimensionais como extensão, tamanho, forma, profundidade, largura, distância, entre outros. Pode-se afirmar, então, que o movimento humano é um ato de comunicação instalado através de seus deslocamentos e efetivado pelos seus trajetos no ambiente delimitado pela obra arquitetônica.

O processo de construção de uma obra resulta de uma política arquitetural que apresenta argumentos repletos de efeitos de sentido que serão desencadeadores de interpretações para uso do espaço. Uma produção arquitetônica não é ingênua, pelo contrário, ela se articula para colocar-se, de certo modo, no dia-a-dia daquele que ela abriga e que convive com suas formas interativa e subjetivamente.

Como qualquer texto, a arquitetura se manifesta pela localização no tecido urbano, pela materialidade através da cor, textura, transparência, opacidade, geometricidade e pela dinâmica que sintoniza o que, de fato, ela deseja comunicar. O prédio do Museu de Arte de São Paulo – MASP, na avenida Paulista em São Paulo, por exemplo, é um argumento contra a verticalidade dos demais edifícios e marca, pela contestação de suas formas, sua presença no espaço urbano. Ao diferenciar-se dos demais, inclusive pela cor vermelha que usa, chama a atenção para o que abriga em seu interior: a arte – expressão particular, individualizada, modo de ver o mundo a partir do que é percebido por cada autor e que é manifestado através de suas obras.

Logo, o material empregado na construção, o projeto do edifício, o estilo adotado, as cores e formas que compõem o conjunto arquitetônico, a localização no meio são elementos constitutivos do plano de expressão e de conteúdo que manifestam o sentido do texto. Este, por sua vez, possui uma complexidade de interpretação que não se esgota no que é visível ao olhar físico, mas se revela também pelos sentimentos e sensações que provoca no seu observador-fruidor muito bem explorado, por exemplo, pelos parques de diversão através da atração Casa do Terror ou Trem Fantasma, sempre evocando através do negro da parede, da pouca iluminação, da textura empregada, ou de outras estratégias, impressões de medo, pavor, terror, criando um efeito sinestésico.

Efetuar estudos sobre o significado do espaço construído para biblioteca, implica primeiramente observar que ela só pode ser apreendida se relacionada a um lugar diferente, ou seja, ela está colocada para ser assumida como espaço de informação e de conhecimento, independente das variáveis que possa apresentar – pública, especializada, escolar, universitária, nacional etc. –, de modo a mostrar-se como significante que, ao ser articulado com o seu significado, estabelece uma relação de uso que lhe é próprio. De certo modo, analisar o espaço-biblioteca é entender os sentidos despertados no usuário e colocá-lo como um lugar de enunciação, cuja intencionalidade das marcas intertextuais produzidas são orientações construídas para o uso do ambiente.

O sentido dos edifícios

O edifício da biblioteca está investido de valores que são simbolicamente construídos por duas dimensões que lhe dão um sentido amplo. A primeira é a de contribuir para o desenvolvimento do cidadão – valor de base –, e a segunda é a de proteção aos bens culturais que estão sob sua guarda facilitando, pela frequência a seu espaço, a acessibilidade ao conhecimento – valor de uso.

Assim vistos, os prédios não são indiferentes, neutros, eles se inserem no cotidiano, influenciam o universo urbano, a imagem da cidade e, conseqüentemente, a própria imagem da biblioteca e seu interior tanto podem invocar um sentido de disposição, de acessibilidade, como de escolha, de exposição, de clausura.

Daniel Payot (BERTRAND, 1997, p. 12), ao reforçar tal argumentação, afirma que:

Na em medida que a arquitetura, a mesma da biblioteca, fala uma linguagem que pode parecer diferente: ela nos ensina a compreensão do espaço que dirige sua concepção, sobre a física que determina seu pagamento simbólico, na qual sua construção, principalmente, se referiu. Nela, também, a questão do sentido está presente mas segundo outros procedimentos: distribuição espacial, circulações, continuidade ou contrastes com o tecido urbano, monumentalidade ou modéstia, facilitação do uso ou manifestação de uma intenção suntuosa.

O edifício da biblioteca é uma manifestação de linguagem para contemplação dos transeuntes. Sob o olhar do usuário, essa imagem comunica sua função, seus significados plásticos e icônicos, afirmando sua presença no contexto onde se insere, provocando ou não os passantes e despertando, no público, sentidos que variam de acordo com a aparência geral do objeto. Como exemplifica Anne-Marie Bertrand (1997, p. 139) ao recorrer aos edifícios franceses:

O Centro Beaubour é batizado de refinaria ou “Notre Dame des Tuyaux” – Nossa Senhora dos Tubos – vocabulário enriquecido grandemente pelas referências técnicas; o Instituto Nacional de Informação Técnica – ESIEE, como a fábrica, como um vaso especial; as comparações com animais como o antigo prédio do mundo, rua Filgueiére, um guarda chuvas; as náuticas – o Instituto do Mundo Árabe como a proa de um navio; a coleção de suportes tais como histórias em quadrinhos, discos, filmes, CD-ROM’s, documentos etc., de Evreux como um navio da Idade Média ao cais, como diz Paul Chemetov ou guerreiras, Vilette como uma fortaleza urbana.

Valci Augostinho (1987, p. 9), na dissertação sobre aclimatação ambiental dos prédios de bibliotecas centrais universitárias, também destaca que o exterior reflete o que lhe vai dentro, exigindo que as especificações arquitetônicas estimulem as pessoas a entrarem nos prédios.

O Palacete para os livros

O edifício da Biblioteca Pública do Estado do Amazonas – **BPEAM**, localizado à rua Barroso nº 57 entre a avenida Sete de Setembro e a rua Henrique Martins, ponto

mais central da cidade de Manaus, foi tombado como Monumento Histórico do Amazonas através do Decreto Estadual n.º 11.033 de 12/04/1988, objetivando contribuir para a preservação da memória regional por:

- a) ser uma construção datada do início do século XX, de inestimável valor histórico, cultural e arquitetônico;
- b) constituir-se a primeira e única Biblioteca Pública do Estado e por ser, também, a única construída para esse fim;
- c) estar localizada no centro da cidade, proporcionando maior facilidade de acesso ao público leitor;
- d) ser um marco importante no desenvolvimento da intelectualidade amazonense – cita-se a título de exemplo, o fato de a Academia Amazonense de Letras ter sido instalada nas suas dependências;
- e) ser testemunho vivo do passado de um povo sequioso na busca do saber;
- f) ter, durante muito tempo, abrigado em seu seio dentre outras instituições, a Assembléia Legislativa do Estado;
- g) ter sobrevivido a incêndio (22/08/45) e catástrofes de outras naturezas (como, por exemplo: descaso, não reatualização de seu acervo etc). (Amazonas. CEDPHAAM. Processo de Tombamento, p. 1-4)

Como se pode observar, a Comissão que relatou o processo de tombamento do sítio da **BPEAM**, ao justificar a solicitação de sua inclusão no rol dos bens imóveis de valor histórico cultural do estado, destacou eventos importantes que ocorreram no edifício inaugurado em 05/09/1910, após cinco anos de construção. Além de ser uma obra datada do início do século passado, alojar a única biblioteca mantida pelo governo estadual, localizar-se no centro de Manaus e ter sobrevivido a catástrofes como o incêndio da madrugada de setembro de 1945, o documento informa que o prédio alojou a Academia Amazonense de Letras, a Assembléia Legislativa, a Pinacoteca e o Arquivo do Estado do Amazonas, mostrando que, pela importância da localização, a biblioteca iguala-se ao nível de instituições ligadas ao poder legislativo e intelectual da cidade.

No discurso de inauguração do prédio, o Sr. Antônio Clemente Ribeiro Bitencourt (BRAGA, 1989, p. 32), governador do Estado destacou que:

a biblioteca surgiu não como um ornamento, mas como instrumento que se fazia necessário para o amanhã e o cultivo de uma gleba que já então rica e seivosa se mostrava, pela inteligência de seus homens e pela vontade natural de quantos se pronunciavam em anelos, na formação de um centro de estudos de mais amplo contato com os mestres da literatura, da filosofia, das ciências.

Grande parte das edificações públicas realizadas neste período em Manaus estão relacionadas ao nome dos governantes, enquanto que a autoria do projeto passou a ser apenas um detalhe de pouca importância. Desta forma, são raras as referências a autores de projetos arquitetônicos produzidos durante este período. Em virtude desse procedimento, pouco ou quase nada se sabe sobre o projeto e a construção do prédio definitivo da Biblioteca Pública do Estado do Amazonas.

No que diz respeito às obras, o Processo de Tombamento, no item 25 – Histórico Geral, destaca que entre 1904 e 1908 foram consignadas verbas para a conclusão do *Palacete para os livros*, o que é confirmado pela descrição de Genesino Braga. Um olhar sobre a imagem do Palacete da Imprensa Oficial (Figura 1), inaugurado em 1894, nos permite observar, ao lado esquerdo do prédio, tijolos dispostos no terreno onde



funcionava o Estábulo Público e onde seria construído o edifício da biblioteca, nos possibilitando inferir que seria esse o primeiro indício do início das obras. Já na Figura 2, primeira imagem que se tem do prédio, é possível observar que a obra estava em fase de conclusão tendo em vista que à frente de sua porta de entrada pode-se ver o material empregado na construção e, no lado da rua Municipal, atual Sete de Setembro, uma figura masculina, colocado em uma escada por trás do poste de energia elétrica, pintando as paredes externas.

Figura 1 – Palacete da Imprensa Oficial e, ao seu lado esquerdo, os tijolos postos para o início da construção da **BPEAM**

Figura 2 - Prédio, em obras, da **BPEAM**, com destaque para o prédio do Palacete da Imprensa Oficial ao lado

No que diz respeito à inauguração do palacete da rua Barroso, um outro ponto não pode passar despercebido. Trata-se da data 05 de setembro, que não deve ter sido escolhida aleatoriamente, pois, em 1850, nesse mesmo dia, a Província foi elevada a Estado evento que até hoje é comemorado com um feriado estadual, desfiles cívicos e apresentação das bandas de fanfarras mantidas pelas escolas locais. Logo, pode-se afirmar que a inauguração em um dia festivo fez parte das comemorações no ano de 1910, mostrando que o reconhecido desenvolvimento ao qual permitiu a criação do estado federativo se propagaria com o fortalecimento da instituição cultural instalada em prédio próprio.

Em sua planta original (Figura 3), os espaços estão dispostos como ainda o são nos dias atuais, ou seja, três pavimentos ocupando uma área construída de 863.85m^2 cada, totalizando $2.591.55\text{m}^2$, embora tenha passado por nove reformas até hoje.

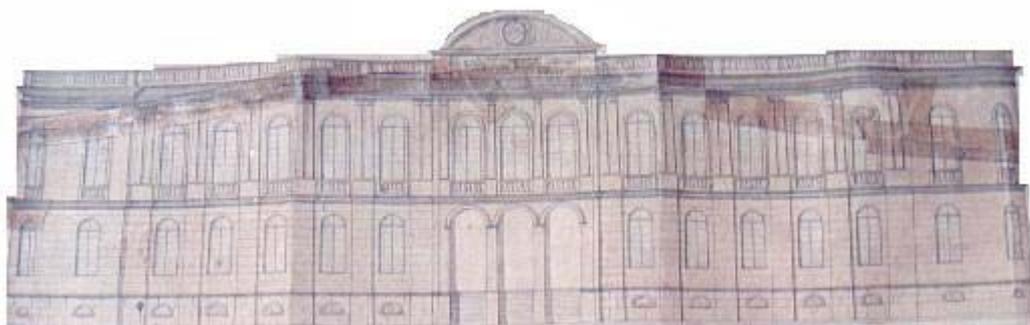


Figura 3 - Planta original do prédio da Biblioteca Pública

Através da análise da planta original, que compõe o acervo de obras raras da biblioteca, pode-se afirmar, devido à semelhança com os prédios da antiga Biblioteca



Nacional de Paris (Figura 4) projetada pelo arquiteto Henri Labrouste como também com o da Biblioteca Pública de Boston (Figura 5) o qual sofre influencia do mesmo estilo do arquiteto, que o projeto da **BPEAM** sofre ascendência do estilo labrousteano, aspecto que pode ainda ser confirmado pelo racionalismo disfuncional de sua distribuição interna, a ser examinada posteriormente. Vê-se que os valores empregados para projetar o edifício da Biblioteca Pública, estão diretamente ligados a instituições reconhecidas por sua tradição cultural e pela esplendorosa beleza enaltecida pelas obras de Labrouste. Manaus mostra-se competente ao fazer construir, no seio da floresta amazônica, um legítimo exemplar espelhado na arquitetura internacional.

Figura 4 - Fachada do prédio da Biblioteca Nacional de Paris, na França

Figura 5 - Fachada da Biblioteca Pública de Boston, nos Estados Unidos

Nota-se que os três conjuntos arquitetônicos acima foram compostos em andares, com grande quantidade de janelas, e com um frontão cimbrado na extremidade superior marcando a entrada principal.

A fachada da biblioteca amazonense é composta por uma balaustra no topo do prédio, seguida de um friso de cornija que se repete abaixo das janelas que, no andar superior, possuem um balcão e são ornadas com um arco retilíneo contrapondo-se às janelas inferiores que possuem arcos de volta inteira. No conjunto citadino, a fachada age como uma enunuciação do grande espetáculo que ocorre no interior e, pela ruptura, pelo descontínuo que promove na ordem urbana, mostra-se como um convite para que o transeunte entre e encontre-se com a cultura. Ao colocar-se deste modo, ela faz com que a biblioteca não queira não ser vista pelo seu usuário potencial, tal como ocorre com as chamadas *Novas Alexandrias* (MELOT, 1996).

O espaço ocupado pelo imponente prédio neoclássico é bastante amplo. No centro da cidade de Manaus, a Biblioteca Pública como os demais edifícios, está

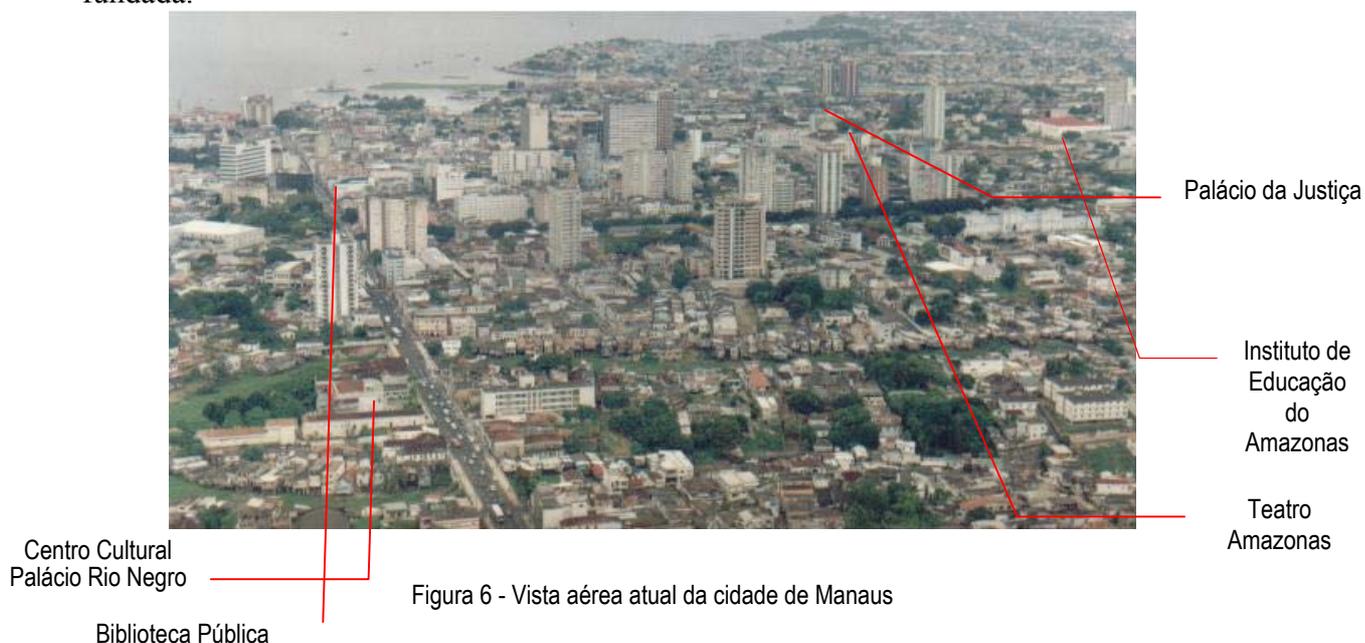
investida de uma imagem arquitetônica que lhe possibilita propor à comunidade, a que se destina, um certo tipo de relação. Ela é caracterizada como detentora dos valores culturais que manipula. Igualmente pela facilidade de seu acesso, possibilita ampla serventia aos que atende, e é na paisagem urbana um destaque pela sua visualidade. A biblioteca tem, pois uma imagem que se faz ver e a mostra como domínio do saber que pode ser partilhado com a comunidade. O sujeito competente, por ser público, partilha seu saber com outros sujeitos da comunidade.

Da mesma forma que, para o centro da cidade convergem muitos interesses relacionados ao comércio, aos principais bancos, às instituições públicas ali localizadas e que geram a quase obrigatoriedade da população se locomover a este espaço a fim de estabelecer soluções para problemas relacionados às decisões do dia-a-dia, a biblioteca também se coloca roteiro essencial para a vida do manauense. Relacionado à centralidade do acesso e ao seu caráter público, ela apresenta-se à comunidade como um sujeito competente para solucionar problemas de ordem cultural, histórica, informacional.

Se há um centro que organiza a vida urbana e para o qual a população deve ir para equacionar suas questões cotidianas, a biblioteca recebe, por esse seu posicionar e suas competências, um papel de actante no sentido semiótico. Ela tem um valor no contexto e um fazer a desempenhar, como o seu papel na sociedade.

Nesse sentido, a biblioteca apresenta-se à sociedade como um sujeito competente, que possui em seu universo de letras, palavras, livros e resposta adequada à demanda informacional oriunda de todo e qualquer tipo de usuário.

Uma vista aérea atual de Manaus permite ter a localização exata da **BPEAM** no conjunto dos edifícios de diversos estilos que compõem o centro da cidade surgida no meio da selva amazônica, banhada pelo Rio Negro, e que se desenvolveu, alheia às dificuldades da localização, como grande metrópole regional com avenidas largas e movimentadas, e, com a característica de ser verticalizada por apresentar poucos edifícios com muitos andares em vista da possibilidade de expansão do local onde foi fundada.



Pela localização central, o trajeto que o usuário, de onde quer que ele esteja, faz para chegar à biblioteca, ir ao centro da cidade outorga-lhe ao seu eixo pulsional, valores de competência modal de poder-fazer e saber-fazer.

O acesso a esta competência viabiliza-se, por meio da convergência da maioria das linhas de transporte existentes na cidade para essa destinação. Assim, o sistema de transporte atua como facilitador de acesso ao local, além de fazê-la estar sempre presente, como ponto de referência, na vida dos actantes coletivos, quer eles a ela se dirijam ou não. Quando ela é a direção do usuário, está geograficamente perto de tudo o mais que lhe feiciona como aquele sujeito capaz e, com poder de dar soluções aos problemas dos usuários.

Para o seu público específico, estudantes de nível médio e fundamental, a própria ação de ter que se deslocar até ao centro da cidade já carrega em si um valor de elevada importância dado ao caráter de solucionador de problemas estabelecidos em torno do setor central de Manaus.

O prédio, por si mesmo, pelas características arquitetônicas, também se destaca no olhar dos que passam pelo centro e dos que se propõem a utilizá-lo. Sua construção neoclássica impõe a idéia de cultura inserida no ambiente uma vez que contrasta com as demais construções que o cerca.



A maioria dos prédios que ladeiam a biblioteca são construções recentes, embora antes das novas edificações, fossem localizados, na lateral esquerda, o prédio da Imprensa Oficial do Estado, à sua frente, o antigo Hotel Central e, posteriormente, o *magazine* Dragão dos Tecidos, especializado na venda de produtos importados (Figura 8); hoje funcionam como agências bancárias.

Quanto à localização da Biblioteca Pública, essa sempre se manteve junto a organismos de relevada importância para a comunidade, conjunta, portanto, com o poder constituído pelas funções dos que a cercam e pelo contrato de utilidade pública. Inicialmente colocada ao lado da Imprensa Oficial cuja competência se estabelece pela sua função de agente comunicador e disseminador das atividades do governo ao produzir o Diário Oficial do Estado, por exemplo, instrumento que dá conhecimento das leis e regulamentos da administração estadual e que tem grande implicação na vida do cidadão, ela se coloca como parte dos órgãos de comunicação uma vez que associa sua imagem, por proximidade física e pelas suas funções àqueles que divulgam informações. Posteriormente, passam a rodeá-la instituições financeiras que representam

a base do poder econômico de uma sociedade capitalista. Em síntese, a sua competência está associada aos valores determinantes das instituições que a cercam e que estão sempre ligadas ao poder, quer de comunicação, quer econômico, o que faz o enunciário reconhecer, mesmo que implicitamente, as pistas da enunciação espacial da Biblioteca no conjunto arquitetônico do qual ela faz parte.

Observa-se bem essas marcas de aliança ao poder dominante na Figura 7 ao qual, na sua centralidade direita mostra a placa “Bradesco”; no extremo esquerdo há um destaque para um prédio em verde e branco do Banco do Estado do Amazonas – BEA e, no lado esquerdo da Biblioteca com as sacadas em branco, faz-se ver o prédio central da Caixa Econômica Federal.



Figura 8 - Vista externa da **BPEAM**, década de 60

Presente na maioria dos prédios antigos da cidade de Manaus construídos no ciclo áureo da borracha, o estilo neoclássico é associado ao bom gosto que ainda hoje é atribuído àquela época. Os prédios do Teatro Amazonas (1896), do Palácio da Justiça (1900) e da Alfândega (1906), também do final do século XIX e início do passado, têm grande destaque na visualidade do espaço central da cidade, como pode ser observado na Figura 6, vista aérea de Manaus.

Isto implica afirmar que o estilo do prédio está associado à imagem de riqueza, opulência, além da de cultura, transmitida por criações de uma sociedade que, na época se auto denominava de *Paris dos Trópicos*, vivia sob influência da comunidade europeia incorporando a competência de um saber fazer que levou Manaus à riqueza, que tem tecnologia para transformar e idéias a implantar, arquitetônica e geograficamente, construções de grande porte. São, em última instância, os atributos culturais dessa influência que se exteriorizam pela arquitetura e transmitem a idéia de algo diferenciado, em termos de cultura local, de um lugar sagrado.

Desta forma, o prédio, em sua apresentação externa e na sua localização, está pronto para abrigar uma relação entre a Biblioteca Pública e aquele que a visita do tipo conjuntivo uma vez que ao procurar cultura, conhecimento, já os encontra no mero olhar de sua aparência. Fazendo-se ver competente e importante, a Biblioteca Pública gera efeitos de sentido de credibilidade no que ela tem a oferecer.

Desprovida de muitos elementos ornamentais¹, a fachada possui janelas em grande quantidade – 36 maiores e 18 menores –, as quais permitem que a luminosidade dos trópicos penetre no ambiente interno suavemente. As janelas contornam todo o prédio e favorecem um contato mais dinâmico através dos olhos que elas configuram;

permitindo que os olhares dos que a vêm de fora para dentro visite os espaços internos da Biblioteca Pública e, no sentido contrário, de dentro para fora, que haja uma aproximação com os transeuntes da rua.

O grande número de janelas também se coloca de forma a seduzir o usuário apresentando-as como mediadoras entre o interior e o exterior, permitindo um contato interpessoal efetuado através dos olhos que não somente vêm o que está disposto no interior, mas também sentem, pelo que representa o prédio, seu estilo, o espírito próprio da *belle-époque* e alcançam o conhecimento disposto nas obras, nas exposições, enfim nas atividades desenvolvidas pela Biblioteca Pública.

Por trás das paredes, no ambiente interno, a cultura e o conhecimento se deixam ver pela presença de cheios e vazios que é apresentada na fachada vazada pelas dezoito janelas do piso térreo, permitindo que o interior seja visto pelo transeunte da rua, usuário potencial da Biblioteca Pública. A visibilidade, entretanto, é modalizada, de um lado, pelo *querer ser visto* da biblioteca, que mostra o seu interior através das várias janelas, de outro, pelo *não poder ser visto* que se manifesta em decorrência da vedação das janelas por causa do sistema de refrigeração já que a cidade de Manaus possui uma temperatura constante acima dos 35° centígrados.

Sob a forma de pórtico, a entrada principal se destaca da estatura caixote, como pode ser examinado através de sua projeção em três dimensões na Figura 09, que representa a primeira geração de edifícios de bibliotecas, de forma a indicar ao usuário o início do caminho a ser percorrido. O desnível acentuado que se projeta para fora e onde ficam a porta principal e a janela maior, avança na calçada como se fosse ao encontro do usuário e, assim, se traduzem em um convite para a sua entrada.

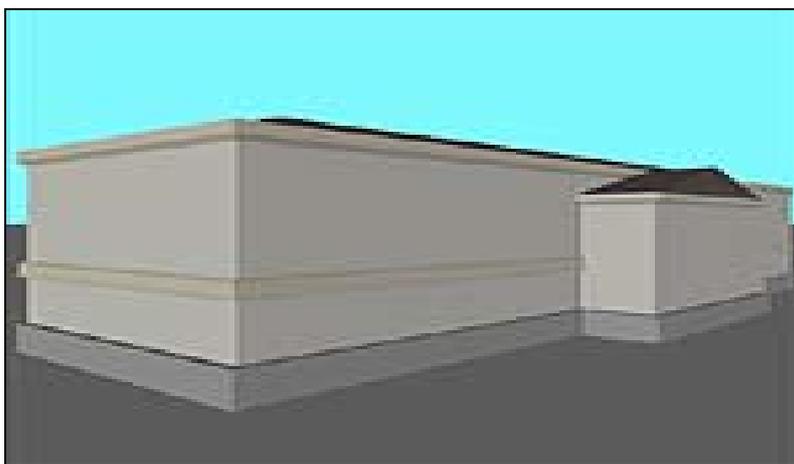


Figura 9 - Projeção em 3D do edifício da **BPEAM**

A janela principal, no frontispício do prédio, é guardada e ladeada por duas janelas circulares menores, romanticamente decoradas com uma guirlanda de flores e laço que, no vidro, apresenta uma estrela de cinco pontas conhecida na religiosidade cristã como estrela de David. Mais uma vez, há uma notável semelhança entre o estilo do edifício da Biblioteca Pública do Estado do Amazonas e o racional romântico desenvolvido por Labrouste e cuja maior referência é a biblioteca de Sainte Geneviève, na França, exemplo do terceiro estilo construtivo de biblioteca descrito.

Acima da janela, na parte mais alta da construção, mais próxima do céu sob um frontão triangular românico, está o escudo que apresenta as armas do Estado do

Amazonas, guardado por duas faces de animais que se assemelham a um leão, muito comum nas fontes de origem holandesas existentes em São Luiz, capital do Maranhão, e que tem origem, entre o final do século XVI e XVII, no renascimento alemão tardio por se tratar de um mascarão de orelha.

No primeiro plano do escudo, na elipse, vê-se o encontro dos rios Solimões e Negro que, pelas suas confluências, formam o rio Amazonas. A parte em azul representa o céu do Brasil. Uma estrela, que indica paz e progresso, apresenta-se exatamente no ponto de junção dos dois rios e marca a exata localização da cidade de Manaus. No campo verde, que representa a floresta, duas setas entrelaçadas recordam a origem da nacionalidade e duas penas representam as civilizações modernas. Uma corrente de ferro circunda a elipse simbolizando a inquebrantabilidade da autonomia política do Estado e da Nação. Presos à corrente abaixo, estão os emblemas da navegação, ligados por um laço verde com duas pontas desdobradas; na ponta direita, a data 22 de julho de 1832 relembra a proclamação da Comarca do Alto Amazonas em Província independente e a data à esquerda, 21 de novembro de 1889, o dia em que o Estado aderiu à proclamação da República brasileira. Na extremidade superior da elipse desponta o sol e, no alto do escudo, a Águia Amazonense, de asas estendidas, com as garras encravadas e o bico entreaberto simbolizando a grandeza e a força da civilização amazônica. Uma cártula serve de base a todo o escudo e tem origem no maneirismo, estilo independente que se caracteriza pela imitação do real.

Figura 10 - Detalhes da fachada frontal do prédio da Biblioteca Pública

A porta, um elemento concreto que serve de elo entre o interno e o externo, pode ser vista como desempenhadora de um importante papel o qual a aproxima da análise que lhe dedicou Ana Cláudia de Oliveira (1997, p. 89). Nos estabelecimentos comerciais a porta é



um recurso persuasivo com força capaz de transformar o estímulo em ação. Fechada, ela de um lado materializa a separação entre as zonas bem definidas: o consumidor deve empurrá-la para penetrar no almejado interior; mas, de outro lado, ela é a preservação de tal espaço para o cliente. Aberta, ao contrário, ela põe os mundos em sintonia. Essa abertura é já um elemento fático, estimulador do início da relação intersubjetiva que se processará.

Tal qual a descrição da autora, a porta da biblioteca é indicadora para a entrada no mundo do saber e do conhecimento. Na **BPEAM** o usuário depara-se com uma grande porta branca de madeira com aproximadamente cinco metros, trabalhada com formas nas quais se vêem colunas e figuras geométricas, com destaque para os triângulos, que se repetem na superfície. Aberta, ela é um convite para o usuário entrar no seu interior. A dimensão da porta, sua espessura e peso diferentes das existentes nos demais ambientes enfatizam que a abertura é para todos.

Disposta na construção de forma a estimular a relação intersubjetiva entre os dois mundos (externo e interno), a porta está colocada na parte mais proeminente do prédio que extravasa seus limites e vai até a calçada como se fosse ao encontro do usuário. A construção arquitetônica imponente que se abre para receber os usuários vai sendo colocada como uma enunciadora guia que tem a competência para contribuir na manutenção do saber e do conhecimento. Ao abrir-se para o usuário, cria-se um novo elo de integração e desperta nele a idéia de que há um lugar à sua espera, reservado para seu uso.

Fechada, a porta mostra-se guardiã dos tesouros da biblioteca em função de sua estrutura, apresentando semelhanças com a função e a aparência das portas dos castelos medievais.



Figura 11 - Porta de entrada

Figura 12 - Visão do espaço interno visto através da porta de entrada

A porta aberta permite ao olhar, do transeunte, adentrar antes mesmo do corpo. Pela ordem visual dá-se o primeiro percurso de reconhecimento do local ao encontrar o balcão de informações e a escadaria existentes no átrio que ocupa todo o vão central do piso térreo. De fora, o olhar começa a subir os degraus para entrar na Biblioteca Pública.

Conclusão

Os efeitos de sentido causados pelas construções arquitetônicas das bibliotecas influenciam o fazer do usuário e, conseqüentemente, o seu uso.

Especialmente, quando da análise das fachadas, é possível inferir que elas podem expressar um inusitado convite ao deleite cultural, para o encontro com o saber que está disposto no interior, ou apresentar-se como um grande muro protetor dos artefatos culturais que a biblioteca mantém e preserva, evitando a disseminação do conhecimento, tarefa primeira das agências de informação.

Estudar as fachadas, sobretudo, a partir da lente da semiótica, permite perceber que ele não é uma simples construção posta para cumprir sua função, mas um elemento que, ao desencadear inúmeros efeitos de sentido, pode colocar-se como um instrumento a serviço da propagação do conhecimento e do saber.

ABSTRACT

The text carries out a semiotic analysis of library buildings as an element, which is placed in the users' view to be contemplated, and as an instrument of seduction or rejection for use as a space for reading. It takes as an example for analysis, the building of the Public Library of the State of Amazonas, constructed at the beginning of the XX century.

Key words

**SEMIOTICS OF THE LIBRARY
LIBRARY BUILDINGS
LIBRARY ARCHITECTURE.**

Referências

AUGOSTINHO, V. *Aclimação ambiental dos prédios das bibliotecas centrais universitárias: especificações de construção seguidas após reformas*. Brasília: UNB, 1987. 255 p. (Dissertação, Mestrado em Biblioteconomia).

BERTRAND, Anne-Marie, KUPIEC, Anne (orgs.). *Ovragés et volumes: architecture et bibliothèques*. Paris: Electre – Ed. du Cercle de la Librairie, 1997. 212 p.

BLASSELLE, Bruno, MELET-SANSON, Jacqueline. *La bibliothèque nationale de France: mémoire de l'avenir*. Paris: Gallimard, 1990. 176p.

COELHO NETTO, José Teixeira. *A construção do sentido na arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 1979. 117p.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996. 318 p.

GASCUEL, Jacqueline. *Un espace pour le livre: guide à l'intention de tous ceux qui construisent, aménagent ou rénovent une bibliothèque*. Paris: Editions du Cercle de la Librairie, 1993. 413p.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Semiótica e ciências sociais*. São Paulo: Cultrix, 1981.

LIBRARIES: new concepts in architecture e design. Tokyo: Meisei Publications, 1995. 223 p.

MELLOT, Michel (org.). *Nouvelles Alexandries: les grands chantiers de bibliothèques dans le monde*. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie, 1996.

_____. L'architecture. *Technique & Architecture*. Paris, n. 384, p. 76-79, juillet, 1989.

NAVARRO, H.M.. Bibliotecas. Em: *Elementos de la teoria de la arquitectura*. 2. ed. Columbia: Assandri. 1946.

OLIVEIRA, A.C.de. *Vitrinas: acidentes estéticos na cotidianidade*. São Paulo: EDUC, 1997. 181p.

ORLOFF, C. La médiathèque Jean-Pierre Melville. *Bulletin des Bibliothèques de France*, Paris, v. 41, n. 5, p. 21-24, 1996.

PÉLISSIER, A., POUSSE, Jean-François. De la nature du plan. *Technique & Architecture*. Paris, n. 384, p. 102-105, juillet, 1989.

_____. Le désir de lire – entretien avec Jean Gattegno. *Technique & Architecture*. Paris, n. 384, p. 56-58, juillet, 1989.

PIERMARTIRI, M.L.V. *Arquitetura e linguagem: aspectos da semiótica da arquitetura*. Curitiba: PUC, 1984. 71 p. (Dissertação de Mestrado em Letras).

TEIXEIRA, Lúcia. *As cores do discurso*. Niterói: EDUFF, 1996. 242p.

¹ O pensamento dos grande teóricos da arquitetura na época em que se constituiu o projeto da Biblioteca Pública pregava a ausência de ornamentos em todas as partes do edifício que não fossem componentes essenciais da construção. A estrutura é evidenciada pelo valor estético em si e, conforme afirma Wilfried Koch (KOCH, Wilfried. *Dicionário dos estilos arquitetônicos*. p. 63.), privilegia-se o cubo e o ângulo reto compondo as edificações com elementos pré-fabricados, referenciando a racionalidade.